

up:: [Sobre minha saída do Ecoar \(versão 2\)](#)

## Posfácio: Cinco meses depois...

"Falar é agir; uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta do indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se *vê*, sabe que está *sendo visto*; seu gesto furtivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos (...).

Depois disso, como se pode querer que ele continue agindo da mesma maneira? Ou irá perseverar na sua conduta por obstinação, e com conhecimento de causa, ou irá abandoná-la. Assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, *para* mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir." (Jean-Paul Sartre, *Que é a literatura?*)

A carta acima foi jogada no grupo nacional do Ecoar em julho. Ela não foi postada publicamente por respeito aos militantes que permaneciam, e por se tratar de "lavar roupa suja dentro de casa". A reação: aos que sentiam o mesmo que a carta expôs, um sentimento de "empatia compartilhada"; aos que serviu a carapuça, as costas.

Pena que os gansos selvagens voam juntos. Com o *débâcle* que foi o Encontro Nacional — ironicamente ou não, na semana do feriado de Finados — e a consequente debandada de uma quantidade substancial de militantes — ao menos *dezessete* militantes assinaram uma carta coletiva de desligamento, postada no grupo nacional —, e depois de tantas atrocidades que já escutei sobre esta organização com síndrome de Golias, que se acha enorme e que crê piamente que o que vem "de baixo" não os atinge — com tudo isso, não consigo me manter quieto. Todas as ilusões deste "coletivo" desfizeram-se em puro ar nestes últimos meses; seus reis estão nus e proclamam: "*l'Etat est nous*".

Não sinto mais este pudor que me impediu de publicá-la abertamente em julho deste ano; a carta coletiva que foi publicada recentemente foi lançada *publicamente* (em stories no Instagram) por um motivo: por tratar-se de um "coletivo" que encha tanto a boca para falar de "democracia direta", mas que seja tão afeito a tolhê-la sem dor alguma na consciência. E de que as reações imediatas às cartas de desligamento (cartas, *no plural*), de **mais de dez páginas cada**, tenham como reação 1) "não li mas já discordo" e 2) "**vida longa ao Ecoar**"... não é somente desrespeitoso; sequer merece ser chamado de

teatral. É simplesmente patético. Não há outras palavras<sup>[1]</sup>. Não, não, não, eu VOU focar no **vida longa ao Ecoar. Vida longa ao Ecoar!** Uau! Você queria parecer **autêntico** escrevendo isso depois de uma crítica tão extensa da estrutura burocrática de poder que te sustenta!? "*Tomamos suas críticas em notas e vamos nos esforçar para tomá-las em conta em nossas próximas discussões onde for cabível etc etc. A propósito: Vida longa ao Ecoar!*" Existe algum imbecil que leu essa resposta e pensou "é isso aí! Vida longa ao Ecoar! Fora com esses autonomistas que escreveram três cartas de crítica com mais de 10 páginas cada uma!"? Ao menos de teatro eu achei que vocês tivessem aulas melhores no ensino privado. Precisamos *mesmo* tornar o ensino público, urgente! Vocês consideram-se mesmo um *império* que outorga vida longa a si próprio? Império do Bairro do Limoeiro, só se for! Mas que seja, o que lhes ajude a dormir melhor de noite. Ah, mas o Ecoar vai conseguir eleger mais um político! Temos certeza que essa pessoa vai levar o nome do "coletivo" por mais de três meses depois de sua eleição sem sair para um partido com mais verba e influência!<sup>[2]</sup>

É difícil levar a sério toda essa ladainha de ser um "espaço aberto ao diálogo" (uma afirmação bem superficial, à la cartas de repúdio) quando, no mínimo, três cartas são tratadas como fraldas a serem descartadas com nariz tampado, como se houvessem gênios do mal tão desocupados ao ponto de quererem dinamitar um "coletivo" pífio tanto em envergadura quanto em organicidade. As peças não estão encaixando, e não será forçando-as ao formato que se espera que elas acabarão se encaixando. Como regra geral, não há diálogo enquanto (ao menos) uma das partes não esteja aberta a "perder", a deixar-se convencer, a abrir-se à possibilidade de mudar suas convicções e agir diferentemente. Surgiu organicamente um espaço assim, no qual houve um mínimo de comiseração e troca de afetos, compartilhamento de angústias e de violências sofridas, só para logo ser tratado, pela direção, quase como se fosse uma reunião de terroristas — a princípio, puramente por ser um espaço "extra-oficial", como se isso fosse um crime! Como se *vocês* só conversassem única e exclusivamente nos grupos "oficiais"!

Que palavras não sejam poupadas: o Ecoar é o que seus dirigentes deixam-no ser; o que não deixam-no ser, o Ecoar não possui chance alguma de ser. O Ecoar sequer é eco, e a piada faz-se sozinha: resta somente "ar", e em particular militantes com ares de inabalável grandeza e sabedoria militante. No fim e ao cabo, seus dirigentes são genuínos gerentes: burocratas que sentam-se em seus tronos imaginários e comandam seus lacaios a fazerem o que precisa ser feito — e a fazer não mais do que isso. Aos seus militantes que engajaram-se em movimentos agroecológicos, desdém e nojo de que ficam "mexendo na terra"; aos que engajaram-se no movimento abolicionista, apoio à Marcha da Maconha e promessas vagas de "não deixar o grupo morrer de novo" após a Marcha; mas para quem engajou-se no movimento estudantil, todas as amarras caem por terra e, de repente, há um apoio — e até mesmo um *reconhecimento* — de suas respectivas coordenações regionais e, *caso milite o suficiente*, quem sabe até mesmo da

coordenação nacional. A frase que eu disse como uma mera hipotética à época, em minha carta, mostrou sua face elitista inteira durante o Encontro Nacional:

"Eu imagino que dê até um certo asco ao militante médio [*da direção do Ecoar*] pensar em ser um coletivo revolucionário que não tenha interesse em disputar os espaços estudantis — porque daí existe uma pecha infamante que o descreveria: **autonomista**. Está na faculdade e não vai disputar esses espaços!? Vai fazer o que, ajudar as populações de rua? ajudar em hortas comunitárias? ajudar no fortalecimentos dos laços de solidariedade e autonomia de bairros periféricos? **Que trabalhos mais invisíveis, que desperdício de militantes!**"

Vocês, daí de cima das suas escadinhas de plástico, muito têm nos acusado de "pessoalismo" e de "críticas individualizadas". Ora, que engraçado que críticas sem menção de nomes sirvam-lhes tão bem de carapuça — o que quer dizer que elas talvez não estejam tão distantes da verdade<sup>[3]</sup>. Eu rebato essa crítica para vocês da direção (e vocês sabem bem quem vocês são): que tal vocês fazerem um debate sobre os **problemas** apontados, e não sobre os "**vilões**" envolvidos? (Mas façam-no entre si mesmos, pois o problema é de vocês. Esta carta aqui é meu expurgo pessoal de todos os inconvenientes que me acometeram por conta desta organização. Usem-na como lhes aprouver, como autocrítica ou como crítica crítica.) Outra dica, já que estamos nessa: que tal vocês pararem para **escutar**, e deixar suas falas pra depois? Sabe, como o texto de Paulo Freire que foi leitura da primeira Plenária Eleitoral de São Paulo em 2022:

"No Brasil, tá cheio de gente falando **pra** gente, mas não **com** a gente. (...) O terrível é ver um montão de gente se proclamando de esquerda e continuar falando **ao** povo e não **com** o povo, numa contradição extraordinária com a própria esquerda." (grifo meu)

Não há — até onde eu sei! — um só militante neste "coletivo" que esteja pagando suas contas pela remuneração recebida pelo serviço e tempo dedicado a este espaço; ou seja, toda sua dedicação foi voluntária. Ao mesmo tempo, tal tempo está sendo dedicado (supostamente) na construção "coletiva" de um espaço que produza as características que desejaríamos numa sociedade pós-capitalista, em particular democrática, justa, aberta, transparente. Se vocês querem pessoas que dediquem uma parte não-desprezível de seu tempo de forma voluntária, mas que suportem quietas suas angústias do ofício, então ou virem uma ONG ou um culto, o que lhes aprouver melhor — e já sabemos para qual lado este pêndulo pende mais.

Entendam uma coisa: vocês não são tão importantes assim. Vocês são uma organização de juventude que adotou uma linha autoritária quase que sub-reptícia, ao ponto de

conseguirem dismantelar qualquer organicidade que surgisse e que não estivesse de acordo com o seu livrinho oculto de regras. Se vocês ao menos fossem mais cãndidos com o que vocês querem abarcar, seria uma dor de cabeça infinitamente menor para todos os envolvidos; se é movimento estudantil que vocês querem construir, então vão logo, invistam todas as fichas nisso de uma vez e desfaçam-se de tudo que seja minimamente contingente ao seu objetivo — porque vocês sabem que nos tratam como se fôssemos pesos-mortos. E não me venham com a desculpinha de que não podem agir assim porque são "ecossocialistas", porque todos sabemos que isso é — e agora não vou maquiá-lo — um puro *branding* que vocês adotaram para diferenciarem-se das demais organizações: as cores, a identificação política (um "crachá"), algumas frases de efeito e alguns autores canônicos.

Por fim, uma citação que levo muito no coração, de uma referência mundial do movimento ecológico — o qual nem espero que militante algum desta organização anti-socioambiental conheça:

*"There are no unsacred places.  
There are only sacred places,  
and desecrated places."* (Wendell Berry)

A responsabilidade de uma opressão *nunca* deve recair sobre seus oprimidos. Todo oprimido tem, no mínimo, o direito de rebelar-se contra sua opressão, e de fazê-lo justificadamente. Que deixe-se registrado: quando há divergências *políticas*, o espaço é para o debate; quando há sofrimentos e violências envolvidos, o espaço é para o acolhimento — e quando não há espaço para o acolhimento, e em particular quando este espaço é ativamente rechaçado por motivos políticos, revoltar-se torna-se o direito do oprimido. O fato de que tais gritos de revolta, não só de divergências políticas mas de violências sofridas, foram abafados pela coordenação nacional (e por seus tentáculos de coordenações regionais) pela desculpa de serem "puramente subjetivos" — mesmo quando *um terço do coletivo inteiro* concorda quanto ao caráter destas violências sofridas! — são algo completamente revoltante, atos injustificados para qualquer organização que reivindique-se revolucionária e que não queira contaminar-se pela "reprodução das opressões que pretendemos combater"<sup>[4]</sup> — certo!?

Encerro aqui este capítulo da minha história em um lugar que não mereceu nem minha presença e nem minha atenção. Que democracia é essa sem a voz do povo? Que democracia mais convenientemente aristocrática!

Nicholas Funari Voltani  
03/12/2023

---

1. Mentira, tem sim! É **cringe**.↵
2. "*Primeiro como tragédia...*"↵
3. Há uma carta que possui menção de nomes, mas sinceramente, quando se coage um militante a excluir um de seus próprios tweets, é pedir demais que cobrar-lhe de ser cortês em suas críticas — o que este militante foi, ao contrário de mim.↵
4. [Por uma rebelião ecossocialista no Brasil](#). Aliás, ainda estou para encontrar alguém que estivesse satisfeito com a escolha desse nome totalmente sem sal para uma organização política. Pelo menos não foi "Democracia Ecossocialista", certo!? Enfim!↵